

Apresentação

Pensar Mulher: Escrevivências, Sobrevivências e Resistência

O dossiê “Mulheres em perspectivas: revisitando as páginas da colonização” nasce a partir das discussões do grupo de pesquisa em Culturas, Literaturas e Amazônias - GPCLAM e do compromisso em fortalecer e ampliar o debate em torno das múltiplas experiências femininas inscritas nos processos de colonização e seus desdobramentos históricos, artísticos e sociológicos ao longo dos séculos.

Ao longo dos séculos, o patriarcado ocidental refinou e engendrou epistemicamente o corpo da mulher, legitimando por meio do determinismo biológico a inferioridade constitutiva do corpo e da forma de ser, pensar e existir da mulher. Os estudos de Judith Butler, Maria Lugones, Suzana Funck, Ivone Gebara, Silva Frederic, dentre tantas outras pesquisadoras, sejam elas do movimento feminista e outros movimentos que dele se desmembram, demandam nosso olhar a fim de descolonizar as relações de gênero. Simone de Beauvoir, em sua obra *O Segundo Sexo* (1949), assevera que não se nasce mulher, torna-se mulher, numa clara referência à condição da mulher e de sua inferioridade, assim dita, na histórica opressão que se constituiu e se aprimorou nos processos colonizatórios.

Com isso, queremos dizer que não se pode naturalizar a identidade feminina determinada biologicamente, pelo contrário, ela deve ser subvertida nas práticas sociais e nas construções epistêmicas sobre o ser mulher, superando as diversas formas de violência. Ivone Gebara, uma das construtoras da teologia feminista na América Latina nos chama a atenção em sua obra *Filosofia feminista: uma brevíssima introdução* (2025) quando afirma que as relações de gênero devem acontecer sem repetir distorções, assim a compreensão das relações de gênero perpassa pelo senso de interdependência, afinal todos seres vivos, em mutação, mortais e diversos são parte da nossa existência, deslocando nosso olhar para a descolonização de gênero.

Toni Morrison, em sua obra *A origem dos outros* (2017, p. 27), afirma que a “[...] a literatura é especialmente e evidentemente reveladora, ao expor/refletir sobre a definição de si, quer condene ou apoie o modo pelo qual é adquirida [...]”. Nessa baila, ao nos debruçarmos no campo literário, observamos de perto a invisibilidade, tornando-se imprescindível revisitar as páginas das “escrivências”, como nos reporta Conceição Evaristo (2016), colocando a mulher no centro do debate acadêmico, literário e cultural, pois, como afirma Morrison (2017), um vazio pode não estar preenchido, mas isso não significa que ele seja um vácuo, pois a literatura pode ser espaço de enunciação de si e do outro.

O feminismo é um pilar fundamental na construção da história e do reposicionamento da condição da mulher em todas as sociedades. O feminismo negro decolonial, especificamente, destaca-se por romper as correntes do racismo e do sexismo, indo além da experiência individual para abraçar a coletividade. Ele visibiliza identidades coletivas que a modernidade colonial não reconheceu, além disso, tentou apagar, que são: mulheres indígenas, quilombolas, seringueiras e beradeiras entre tantas outras que ficaram alijadas no processo. Ao trazer essas vozes para o centro, o movimento revela que a libertação de uma é o fortalecimento de todas as que foram mantidas invisíveis pelo silenciamento histórico.

Os textos adotados neste dossiê evidenciam a potência das produções literárias, das manifestações artísticas, teóricas e das práticas culturais como espaço de existência e reexistência da mulher, bem como de sua criação literária. Desse modo, ao trazer à tona a problemática da colonização de gênero, buscamos recuperar o protagonismo feminino antes silenciado e que contribui para o fortalecimento de perspectivas críticas que desafiam a hegemonia do masculino, do patriarcado, ampliando horizontes interpretativos sobre a decolonialidade de gênero e seus desdobramentos.

Sendo assim, é necessário e urgente que se mantenha na ordem do dia a discussão em torno da desconstrução dos processos de manutenção da inferiorização das mulheres tendo como principal instrumento a escrita e as mobilizações que se fazem a partir dela.

Desejamos uma boa leitura e que as reflexões a seguir, seja por meio dos textos literários e/ou dos elementos da cultura, nos tornem mais éticos e mais responsáveis uns com os outros. Agradecemos, de modo especial, ao Prof. Dr. Lucas Martins Gama Khalil,

pela parceria fundamental neste dossiê, na recepção, acompanhamento, editoração e publicação.

Organizadores

Profa. Dra. Larissa Gotti Pissinatti (UNIR)

Profa. Dra. Sonia Maria Gomes Sampaio (UNIR)

Profa. Dra. Mara Genecy Centeno Nogueira (UNIR)

Prof. Dr. Eulisson Nogueira de Sousa (UNIR)

Re-Unir